



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Entrado na Mesa às 17 H 30

Data 27 / 07 / 2004

O Secretário da Mesa,

[Handwritten signature]

Voto de Pesar N.º 196/IX

Pelo Falecimento de Carlos Paredes

Poucos dias decorridos sobre o desaparecimento de Carlos Paredes, a Assembleia da República não assinala um silêncio. Muito pelo contrário, quer determinadamente assinalar que, pela obra de um músico de génio, o País conta para sempre com uma sonoridade nele próprio profundamente enraizada, com um instrumento de novo inventado e para sempre ligado aos portugueses.

Carlos Paredes foi um daqueles artistas raros simultaneamente popular e erudito. Criou um elemento da identidade cultural de um povo porque a sua obra indissociavelmente ligou o que mais ancestral, mais simples, mais directo constitui a memória artística popular e quotidiana como o que de mais elaborado, mais estudado, mais criativo pode proporcionar o labor intelectual e a arte de uma sociedade que estende ao longo de séculos a sua vida colectiva.

Carlos Paredes foi um artesão meticuloso, debruçado, abraçando apaixonadamente um instrumento musical que não se limitou a aprender, a compreender, a tocar: na verdade, reinventou-o. Os acordes que retirou das cordas metálicas da guitarra geraram um tempo outro, um tempo que parece ser esse mesmo da longa História que tantas vezes invocamos. Nele encontramos seguramente uma nostalgia medieval de ternuras, afectos, tempo lento e contemplativo, edifícios, formas, sons passados que encontramos às esquinas dos nossos espaços e das nossas vidas. Mas nele encontramos também a paixão inovadora da modernidade, a busca de afectos no agreste do quotidiano. Os acordes da guitarra de Carlos Paredes serão de salões medievais, mas são-no igualmente de guindastes portuários ou de motores fabris da cidade contemporânea e estridente. Eles saem de uma iluminura medieval da mesma forma que inteiramente se enquadram no movimento contemporâneo da imagem de um filme.

Que esta música seja tão deslumbrantemente diversa, contemporânea e lançada na memória, resulta afinal de que



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

ele próprio, o seu autor, Carlos Paredes, era o retrato mesmo da complexidade e riqueza do Homem e da sua vida.

Era um artista, suspenso sabemos lá de que sonhos sonoros ecoando numa sensibilidade que dele fazia por vezes alguém tão absorto, tão distante, tão distraído. Mas era simultaneamente um trabalhador que recusava a postura aristocratizante de desprezar tal labor. Considerava-o também uma forma de fazer parte de uma sociedade que apaixonadamente amava.

Foi um homem do seu tempo e de um tempo que quis que fosse seu e de todos os Homens. A música que brotava das suas mãos trazia a consciência clara e o empenho militante de um espírito lúcido, solidário, combativo e corajoso. Criou-se como artista, mas criou-se igualmente como cidadão e se a sua arte conheceu a adversidade do obscurantismo, a sua cidadania igualmente enfrentou a marca da repressão política. A sua arte, como o vemos hoje, triunfou! E aqui, nesta Assembleia tornada possível por Abril, podemos com toda a firmeza declarar que igualmente triunfou, nele próprio e no povo com que se identificou, o cidadão e o democrata Carlos Paredes. Firme nas suas convicções de comunista, a elas fiel ao longo de toda a sua vida.

Artista de fortíssima e única personalidade, cidadão fraterno do dia a dia das nossas vidas, Carlos Paredes foi também um artista generoso, uma inteligência e uma sensibilidade aberta. Tudo o que construiu foi aberto a tudo e a todos: dialogou com jovens e apreendeu com mais velhos; tocou com principiantes e deslumbrou virtuosos; aceitou diálogos com linguagens diversas, ligou sonoridades de cordas metálicas com versos e narrativas.

Do seu sorridente discurso saía constantemente uma palavra, um vocativo feito interjeição, uma desabafo afinal sentimento expresso: «Oh, amigo!...».

Amigo era a palavra de Paredes quando encontrava alguém. Era a expressão quando concordava - tal como quando discordava! Era a referência ao amigo ausente ou a chamada ao amigo presente. Era o entusiasmo ou a tristeza, a desafinação inesperada ou o deslumbramento pelo acorde novo.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

No fundo, afinal, era tão só isso. A funda, a definitiva e vertical amizade pela vida, pelos Homens, pelo seu País.

Nós, todos nós, perdemos um Amigo.

Mas porque já foram escritos, porque por todos nós foram escutados, porque de todos nós nasceram e dentro do nosso coração continuarão, garante-nos o amigo Carlos Paredes que Portugal e o seu povo terão, para sempre, verdes anos de esperança tal como aqueles que nos deixou.

A Assembleia da República expressa o seu profundo pesar pelo falecimento de Carlos Paredes e endereça à família as mais sentidas condolências.

Assembleia da República, 27 de Julho de 2004

Os Deputados,

Bernardino
Carlos Carvalhos

Amorimelo

António Sérgio

Francisco Louçã

Alfaro

Sturges

Carla Santos

STUR

[Signature]

Margarida Espinho

Luís Carrão

[Signature]

[Signature]

Ana Catarina Figueira Paredes

